



# SOBRE A CONJUNTURA DA UNIVERSIDADE E A FORMAÇÃO DE MESTRES E DOUTORES ONTEM E HOJE

– uma breve discussão e reflexão dos conceitos<sup>1</sup>

## Resumo:

Este trabalho analisa brevemente a história, ideologias e objetivos da criação das universidades e dos títulos Mestre e Doutor, fazendo ainda uma reflexão filosófica e axiológica sobre esses temas conduzindo-os até os dias atuais. Fez-se uso da revisão de literatura narrativa e análise crítico-reflexiva. Foram encontradas influências seculares de naturezas eclesásticas, políticas, econômicas e sociais nas universidades e em seus modelos de ensino. Destaca-se a importância de religar a função de Mestres e Doutores à docência de valores educacionais profundos e não torná-los apenas produtores de estudos que nunca tornam-se práticos e úteis à sociedade. As discussões e reflexões ideológicas ainda são necessárias nos dias de hoje.

## Palavras-chave:

História. Educação. Mestre/Doutor. Universidade.

## 1. Um pouco de história

Sob um prisma socioeducacional, a universidade busca, desde sua já milenar concepção, primar pela evolução do ser humano no aspecto reflexivo, moral, filosófico e intelectual. No mundo ocidental, as universidades objetivavam em sua origem a difusão da chamada *essência universal* que se dava inicialmente através da retórica, lógica e gramática. O arquétipo de universidade no Ocidente como conhece-se hoje teve sua inspiração inicial modelada à *Academia* de Platão (MALATO, 2009); esta criada em 386 ou 387 a. C. e tendo ficado aberta por quase um milênio, sendo fechada por Justiniano em 525 d. C. (HOSSNE, 2003). Diga-se de passagem que essa seria apenas uma das razões que para Martins (1995) a magnitude do legado platônico é tão vasta que não pode ser aferida. A localização da Academia situava-se em um jardim de oliveiras nos arredores de Atenas popularmente conhecido como *Jardim de Akademos* (ou *Hekademos*) em homenagem ao herói mítico de Ática (MALATO, 2009).



**RAFAEL MOCARZEL**  
CIFI2D/ Doutorando  
em Ciências do  
Desporto na FADEUP

.....

1

O autor declara aqui seu agradecimento ao Doutor Jorge Olímpio Bento que ministrou em fevereiro de 2016 as disciplinas *Formação de Mestres e Doutores* e *Formação Pedagógica* no doutoramento de Ciências do Desporto na Universidade do Porto e geraram o prelúdio deste estudo para aprovação nas referidas unidades curriculares.



*Escola de Atenas, fresco de Rafael Sanzio (1510)*

Platão buscou autorização para abrir sua escola sob a razão de culto dedicado a Apolo (mítico Deus grego antigo) e suas musas (MALATO, 2009). Talvez aí esteja mais uma genialidade de Platão, pois Apolo era mais comumente relacionado ao Sol, à beleza e perfeição. No entanto já sob um olhar filosófico razoavelmente mais aprofundado, também era citado como Deus patrono da harmonia, equilíbrio e razão; enfim, a representação da superioridade da luz divina do saber sobre a escuridão da ignorância animal humana (BRANDÃO, 2010). Exatamente por tais argumentos não é raro encontrar associações de Apolo como um “Deus educador” que promove inspirações pedagógicas (SCHURE, 1996). Entende-se aqui que estes também eram objetivos fundamentais de Platão com a Academia.

Ainda é pontuado por Hossne (2003) e Chauí (2010) que Aristóteles, pupilo de Platão, ao seu modo (importante dizer), deu continuidade às obras de seu Mestre criando outra importantíssima escola, chamada *Liceu*.

**O arquétipo de  
universidade no Ocidente  
como conhece-se hoje teve  
sua inspiração inicial  
modelada à Academia  
de Platão**

Apesar de terem princípios filosóficos relativamente distintos, ambas as escolas serviram de molde, juntamente com escolas árabes (OLIVEIRA, 2007), para as universidades que surgiram nos séculos posteriores. No entanto, a Academia de Platão destacou-se sob

uma vertente filosófico moral enquanto o Liceu de Aristóteles sob uma vertente lógico científica, o que Loguercio e Del Pino (2007) chamam de *filosofia da ciência*. “Por isso o Liceu é invocado, por alguns, como germe e o embrião dos Institutos de Pesquisa” (HOSSNE, 2003, p.374). Entretanto,

faz-se necessário prestar honras a Platão e Aristóteles, pois mesmo havendo discordâncias entre ambos, no fim, os dois desejavam a mesma conquista com suas escolas, isto é, alcançar a *Paideia* (NÓVOA, 1991).

Outro dado que merece também ser ressaltado vem das diversas aproximações e afastamentos da universidade com o poder eclesiástico pelo mundo ao decorrer da história (OLIVEIRA, 2007). Principalmente nos anos da Era Medieval na Europa (séculos ▶



XII e XIII), o papado e monarquias vigentes de outrora olharam a construção do modelo de universidade como forma estratégica para perpetuarem ali suas ideologias e inclinações políticas e culturais. E pontua-se que “Em função disso, editaram leis e bulas com o objetivo de instituí-las, protegê-las e nelas intervir, tanto no ensino como nas relações entre estudantes e mestres e entre estes e a comunidade” (OLIVEIRA, 2007, p.120).

Progressivamente com o decorrer dos séculos, o conceito de universidade criou um afastamento (em alguns casos bastante sólido) das influências diretas eclesiais (MARTÍNEZ; SOUZA, 2011) e, mais recentemente, governamentais (NÓVOA, 1991). Importante esclarecer que tal vínculo não macula ou mesmo enobrecer a referida universidade; porém, a busca pelo pensamento livre e reflexão crítica sobre a sociedade mundial clamou por uma posição de afastamento, despojada de “grilhões”, buscando maior ética e justiça de avaliação nos julgamentos (MORIN, 2003; BENTO, 2008). Enfim, uma proposta para tentar alcançar a genuína liberdade de prisma filosófico, sob a alusão da luz de Prometeu (HERMANN, 2005), convergido ao estudo da cultura geral e não apenas ao ensino religioso (OLIVEIRA, 2007); algo que segundo Nóvoa (1991) é relativamente recente. Como cita Morin (2000a, p.21): “mais vale uma cabeça bem-feita que bem cheia”.

Contudo, apesar de a universidade possuir seus próprios valores, não deve limitar-se a eles, encerrando-se em um universo próprio, isolada do resto do mundo. Ao que atenta Nóvoa (1991), essa reformulação mais afastada do perfil religioso para um perfil docente das congregações acadêmicas foi fulcral, trazendo maior homogeneidade e laicização ao processo de definição para exercer a docência, ou seja, “a capacidade do profissional do magistério de propor e vivenciar experiências concretas de ensino e aprendizagem” (CORREIA, 2013, p.525). Apesar da profissão docente no Ocidente ter origem na Idade Média, tal processo de adaptação só conquistou maior estabilidade no século XVIII, mais próximo à Idade Moderna (NÓVOA, 1991; ARAÚJO, 2002). Já nas antigas civilizações do Oriente, o professor (ou docente) não

se distinguia de sacerdotes ou escribas, sendo ele o responsável pela sabedoria sagrada, científica, política e administrativa (MARTINI; GLASORESTER, 2009).

Assim, a criação e difusão das universidades no continente europeu através de seus quatro primeiros cursos – Direito, Medicina, Teologia e Artes Liberais – (PENIN, 2001), abriram portas para a disseminação do raciocínio lógico e crítico, que foram ingredientes base do Renascimento e Iluminismo nos séculos seguintes. Por fim, conclui-se que a universidade, em toda sua compleição, foi um marco da Idade Média, influenciando direta ou indiretamente toda mentalidade europeia e posteriormente mundial, contribuindo para o delinear da sociedade e da comunidade científica (OLIVEIRA, 2007).

***“Já nas antigas civilizações do Oriente, o professor (ou docente) não se distinguia de sacerdotes ou escribas, sendo ele o responsável pela sabedoria sagrada, científica, política e administrativa”***

MARTINI; GLASORESTER, 2009

Como missão primal da universidade entende-se que esta deve estimular seus alunos para além de questões cognitivas, auxiliando-os nas suas formações como seres humanos em seus campos culturais gerais (ORTEGA Y GASSET, 1946), tornando-os o que Kant (1958) nomeou como *homem culto*, objetivando o pensamento em prol da sociedade em um estado de vanguarda. Lamentavelmente, em muitos casos não só atuais, mas também de outrora, a universidade não conseguiu abalar e transformar positivamente a sociedade nas proporções esperadas (PAZETTO, 2005). Como exemplo, destaca-se a universidade mais antiga que se tem registro da

humanidade, chamada *Al Quaraouiyine* e fundada em 859 d.C. não apenas como universidade, mas também como mosteiro. Encontra-se onde hoje é a histórica cidade de Fez (Marrocos) que foi tombada como Patrimônio

Mundial pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Dá-se aí o contrassenso histórico sendo o continente africano lar da primeira universidade e ainda este ser hoje o continente com menor índice mundial de educação e de desenvolvimento humano (IDH). Algo de certa forma já discutido por Chauí (2001) em relação aos conflitos que a universidade enfrenta no cotidiano, tendo que superar a carência do conhecimento populacional e seus atritos socioculturais. E exatamente por conta de tais conflitos é que Frantz e Silva (2002, p.150) afirmam que: “O contexto social, político e cultural sempre pressionou a universidade a cumprir funções que nem sempre lhe são próprias (...)”.

## 2. Universidade, mestre, doutor: construindo reflexões e relações sobre seus conceitos

Remetendo inicialmente à etimologia da palavra universidade, é esclarecido por Silva (1991, p.39) que

A palavra universidade deriva do latim *Universus*, formada por *unus*, que significa um; e *versus*, particípio passado de *vertere*, que significa voltar, virar, tornar-se. Daí, universidade tem o significado etimológico profundo de “tornar um”, ou seja, de expressar/articular a *diversidade na unidade*, que representa, em última instância, sua missão histórica e razão de ser.

Hoje, Steiner (2005) aponta que as universidades basicamente seguem moldes similares entre si no cenário mundial com algumas ressalvas culturais. Uma diferenciação básica

**“O contexto social, político e cultural sempre pressionou a universidade a cumprir funções que nem sempre lhe são próprias (...)”**

vem da sua estrutura, podendo essas serem públicas ou privadas e ainda comunitárias, confessionais, ou empresariais.

Para Edgar Morin (2000b, p. 10),

Não se trata de apenas modernizar a cultura, mas de cul-

turalizar a modernidade. A universidade conclama a sociedade a adotar sua mensagem e suas normas: ela introduz na sociedade uma cultura que não é feita para sustentar formas tradicionais ou efêmeras do aqui e agora, mas está pronta para ajudar os cidadãos a rever seu destino *‘hic e nunc’*. A universidade defende, ilustra e promove no mundo social e político valores intrínsecos à cultura universitária, tais como a autonomia da consciência e a problematização, o que tem como consequências o fato de que a investigação deva manter-se aberta e plural, que verdade tenha sempre a primazia sobre a utilidade, que a ética do conhecimento seja mantida.

Sob um aspecto interpretativo reflexivo, Hossne (2003) traz à baile o termo *academia*, que atualmente muitas vezes passa a ter conotação relativa à universidade. Este pode ainda expressar pessoas vinculadas à *universidade* (estudantes e/ou docentes). Tal questão não é meramente ao acaso, enaltecendo de fato a importância da universidade abranger pessoas velhas e jovens, antigas e novas. Ali conglomeram-se (ou deveriam conglomerar-se) indivíduos focados na educação e não apenas no ensino, pois esclarece-se que o ensino é apenas uma parte da educação, sendo papel objetivo da universidade a formação. A universidade deve ser uma escola, ou seja, um centro educacional e não uma assembleia de interessados a cumprir obrigações, sejam elas políticas e/ou profissionais (MALATO, 2009). Ali estabelece-se como o local de difusão da investigação científica e arte, de maturação e potencialização do conhecimento e intelectualidade, prestando ainda apoio à comunidade (BAHIA, 2014). ▶



FOTOGRAFIA: VisualHunt.com

***“Hoje, o título Doutor  
recebe um patamar mais  
prestigioso, tendo o título  
Mestre uma posição  
intermediária”***

STEINER, 2005

Já percebe-se há tempos que a universidade é uma fonte geradora não apenas de conhecimento e saberes, mas também de líderes e autoridades (mesmo que em diferentes escalas), que se espalham por toda as comunidades, acompanhando as transformações e mudanças da sociedade e da cultura. E “a cultura é, no seu princípio, a fonte geradora/regeneradora da complexidade das sociedades humanas. Integra os indivíduos na complexidade social e condiciona o desenvolvimento da sua complexidade individual” (MORIN, 2003, p.160). De forma lamentosa, Bento (2014) anuncia que a universidade atual encontra-se enferma e quase refém de ideologias neolibe-

ralistas e mercadológicas, perdendo assim seu espírito de liberdade, sendo o ninho de doutrinas advindas de um “reformismo” que faz com que a universidade praticamente não ofereça mais nada, apenas venda.

Sobre a pós-graduação, Steiner (2005) ressalta que nem todas as universidades realizam pesquisas assim como cursos de pós-graduação. Todavia, o mesmo autor alerta que é exatamente a pós-graduação que está no topo da pirâmide do sistema de ensino, sendo ela a via que encaminha à elevação maior do estudante, conduzindo-o à cumeieira intelectual e axiológica, estimulando-o à leitura de clássicos, à busca de pesquisas atualizadas, ao incentivo à produção intelectual, reflexiva e técnica, fomentando assim o desenvolvimento amplo de suas capacidades como ser e como profissional, para muito além de simples práticas tecnicistas. Diga-se de passagem, este sim é o espírito da formação pedagógica (BENTO, 1995). Decisivamente pode-se entender como uma função da pós-graduação o estímulo do ser (pensamento do indivíduo), para que com sua evolução holística possa também progredir através do seu meio de trabalho sua comunidade (pensamento do coletivo).

Tradicionalmente, a conquista da conclusão dos cursos *stricto sensu* de pós-graduação proporcionam ao indivíduo as titulações *Mestre* e/ou *Doutor*. Hoje, o título *Doutor* recebe um patamar mais prestigioso, tendo o título *Mestre* uma posição intermediária (STEINER, 2005). Tais postulados advêm historicamente da universidade medieval. Mais especificamente, a Universidade de Paris (França), fundada no século XIII, serviu como referência na época em aspectos organizacionais e modelares para a maioria das universidades no mundo, sendo o primeiro local institucional totalmente dedicado ao estudo, buscando formar, segundo Oliveira (2007, p.123-124) o “profissional da cultura, cujo trabalho é o estudo, a ciência, o saber”. Assim, Verger (2001) clarifica que o ser humano pode dedicar-se ao estudo perseguindo o conhecimento, afastando a crença que este apenas seria possível por uma dádiva milagrosa.

Etimologicamente, a palavra *Mestre* vem do Latim (*magister*) significando *professor*. Já a palavra *Doutor* também vem do Latim (*doceo*), significando *eu ensino*. Tais terminologias quando destacadas como titulações hierarquizadas geraram (e ainda geram) diversas discussões ideológicas por conta de seus nivelamentos superiores ou inferiores. Este texto não se prenderá à esta questão, mas apenas ao princípio ideológico de ensino dos referidos títulos citados.

Gadotti (1975) diz que Mestre é o indivíduo que busca a elevação de seus educandos objetivando a superação e transposição até dele mesmo por seus alunos. Tal ato se daria com o acompanhamento e supervisão do Mestre e progressivamente a autonomia e independência do educando se concretizaria. Sob um olhar filosófico, a cultura japonesa traz à luz a terminologia *Sensei*, muitas vezes usada como sinônimo para professor. Na verdade, o termo significa *aquele que nasceu antes*. Enfim, um reconhecimento já

maduro e consagrado do saber do indivíduo em seu ofício. No entanto, de forma lúrea, é na clássica obra de Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* (1958), que é exposta uma magistral reflexão: “Mestre não é aquele que sempre ensina, mas aquele que de repente aprende”. Entende-se assim que o papel do verdadeiro Mestre é buscar o espírito do aprendizado, alimentando nele mesmo e em seu próximo a reflexão e difusão do pensamento crítico através da transmissão e compartilhamento de conhecimentos, aprendendo, refletindo e ensinando perpetuamente. “É no seio de tais aspectos que nascem, se cruzam e se consolidam as representações morais e éticas” (ARAÚJO, 2002, p.47). Transcreve-se aí um forte exemplo de um clássico ensinamento de Confúcio (anti-

go pensador chinês), a etocracia, onde o superior deve almejar ser sempre exemplo vivo (técnico e moral) aos seus subordinados (MOCARZEL, 2011). Já a posição de Doutor tem sido cada vez mais focada atualmente ao mundo da docência do ensino superior, convergindo suas atenções à pesquisa, à van-

guarda e à formação de novos pesquisadores nos cursos de pós-graduações.

É fundamental que o Mestre/Doutor em sua posição pedagógica profissional tenha mais que certeza da sua responsabilidade: a formação do ser. Complementa-se, outrossim, “Uma ‘formação’ fiel ao sentido de ‘formar’: aperfeiçoar o homem, melhorá-lo, aumentá-lo em humanidade. (...) Uma ‘formação’ para ser mais e melhor como pessoa e, nesta qualidade, professor” (BENTO, 1995, p.65).

Patrício (1993) deixa transparente que o papel do professor perpassa questões com valores éticos simples, sendo visto ao pensamento da doutrina kierkegaardiana como sagrado. “Compete ao professor, com efeito, a difícil e grave tarefa de fazer-ser. Não um fazer-ser técnico; mas um fazer-ser ético” (PATRÍCIO, 1993, p.20). Fica claro que o papel

**“Compete ao professor,  
com efeito, a difícil e grave  
tarefa de fazer-ser. Não  
um fazer-ser técnico; mas  
um fazer-ser ético”**

PATRÍCIO, 1993



solidário do professor também se transporta para a universidade, adequando-se ao tempo e transformações da sociedade (Bento, 2008). A universidade se faz como início, a casa e órgão gerador do processo. A pós-graduação torna-se o meio, o caminho molde embrionário para o processo que se adapta à transmissão da educação e pensamento crítico-reflexivo. Por fim, o Mestre/Doutor professor é o ator principal, agente fundamental que move todo o ciclo maturacional na edificação do seu aluno, da sociedade e de si mesmo.

### 3. Corolário conclusivo

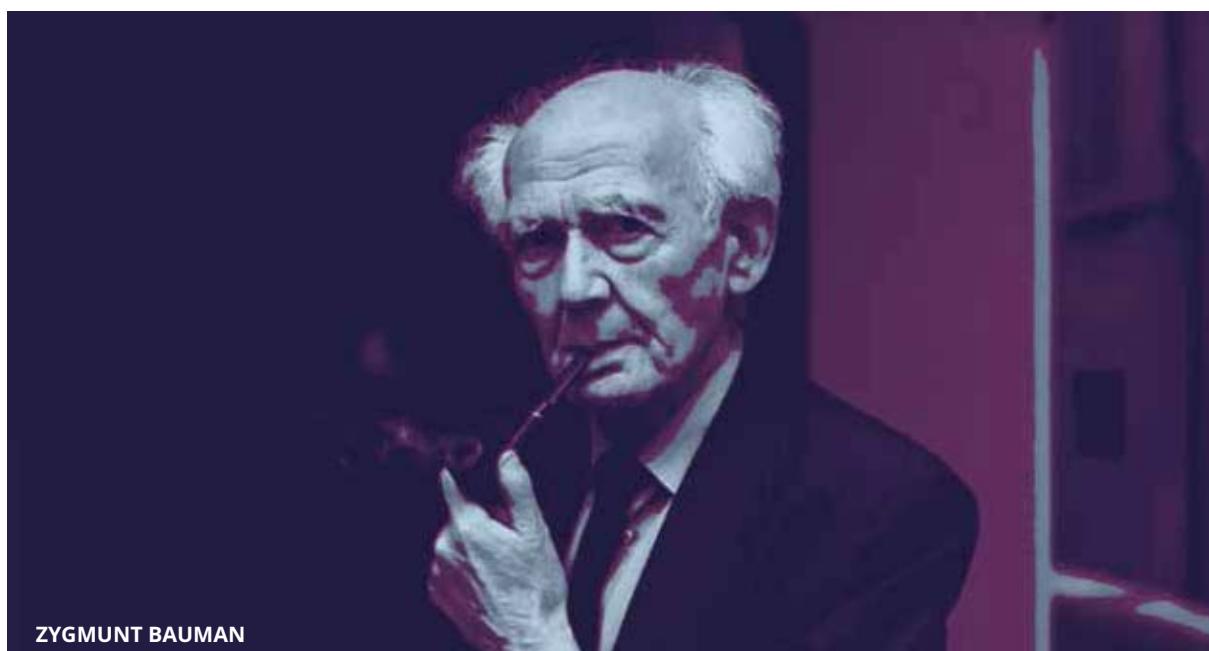
A importância da universidade como uma das ferramentas-chave na construção da sociedade em geral é inquestionável já sendo um axioma (MORIN, 2003). E é na universidade que cabe ao Mestre e ao Doutor exercerem sob o cargo de professor docente muito mais e para além do que os atos de um instrutor, visto aqui como um orientador tecnicista. A posição de professor docente deve sim ter preocupações com o domínio teórico, metodológico e ético (CORREIA, 2006). Todavia, clama há muito tempo (quicá desde sua origem) pela práxis da ideologia ao amor à técnica enquanto processo educacional produtivo, porém mais ainda pela filantropia (amizade pelo ser humano). Espera-se indubitavelmente que o professor deva não só portar-se, mas sim ser uma pessoa virtuosa tendo para si o magistério como uma ação de altruísmo, o que Araújo (2002, p.44) cita chamando de “sacerdote da cultura”. Ser uma pessoa de alma e caráter belos (ECO, 2004). Enfim, tornar-se alguém que suprima seus egos e manifestações humanas “falhas”, coloque-se em diversos momentos em segundo plano e busque ser um agente ativo em prol de uma sociedade melhor para si e para todos.

Torna-se, a partir daqui, compreensível que só a boa vontade possa ser dita propriamente moral: os talentos, que são dons naturais, não têm valor ético em si próprios. A inteligência, a força, a beleza e até mesmo a coragem podem ser postas ao serviço, não só dos nossos interesses

**“Esse constrangimento da liberdade acadêmica e científica em prol da “autonomia” é algo que temos vindo a pagar caro, expresso na emigração e abandono de uma geração qualificada.”**

egoístas, mas do crime (da ilegalidade). Medimos a este propósito como estamos nos antípodas da ideia de excelência: longe de residir no aperfeiçoamento dos dons naturais, na realização de uma função em conformidade com a natureza específica do homem, a virtude torna-se entre os Modernos luta contra a naturalidade em nós, capacidade de resistir às inclinações que são as da nossa natureza egoística (MORIN, 2003, p.283).

A produção de conhecimento dos docentes (Mestres/Doutores) deva talvez ser focada mais sob o prisma humanista e menos ao cumprimento de cotas e metas produtivas ou mesmo mercadológicas (CHAUI, 2001); como elucida Savater (1998, p.29): “Nascemos humanos, mas isso não basta: temos também que chegar a sê-lo”. A febre epidêmica da chamada “papermania” (BENTO, 2016), alastrada por diversos pontos do sistema de ensino mundial, muitas vezes converge ao quantitativo da produção, não tendo o melhor dos zelos e preocupações com a qualidade da mesma. Em diversos casos, produções acadêmicas surgem e permanecem apenas no papel, nunca sendo elevadas à graça da realização. De fato, escritas apenas para cumprir metas de produção; por vaidade, por competição ou mesmo por imposição de sistemas políticos e econômicos, incluindo poderes governamentais. Sobre tais questões que envolvem o ego humano e que por conseguinte violam o cenário sociocultural, Luc



ZYGMUNT BAUMAN

Ferry (1997) já alertava que não é raro testemunhar a ética muitas vezes sendo suprimida pelo hedonismo e pelo narcisismo. Garcia (2006) clama por essa busca do princípio ético em um período de conflitos educacionais e ideologias “semianárquicas” disseminadas pela sociedade, onde o relativismo axiológico se sobressai quase como uma ditadura, o que Bauman (2003) adverte veementemente como uma sociedade líquida que se desfaz fugazmente, proliferando o *Homo Eligens* e esquecendo diversos e importantes axiomas. Lamentável!

Acredita-se aqui que essa realidade se encontra bem longínqua da almejada ideologicamente nos conceitos educacionais e axiológicos. Já foi elucidado pela nobre mente de Gilberto Freyre (1941) através da simples máxima: “Sem um fim social, o saber será a maior das futilidades”. Talvez, quando os atos e ações dos Mestres e Doutores se desvirtuarem cada vez mais do ponto norteador definido inicialmente por Platão, caberá à sociedade mundial regressar ao foco ideológico primal, destacado por ele séculos atrás: a busca do verdadeiro, do bom e do belo na vida do ser humano, a virtude vívida propriamen-

te dita. Um bom caminho para tal parece ser a reflexão crítica constante em conjunto com a maciça educação dos valores morais, que tentam frear as manifestações de violência do ego humano. Um dos clássicos fundadores da sociologia enquanto ciência, Dürkheim (1968), defendia a ideia de que a educação é uma “segunda natureza”, almejando “conter” e mesmo “civilizar” a natureza primitiva humana, que pode ser repleta de manifestações de violência (DADOUN, 1998). Enfim, a busca da verdadeira e genuína ética e estética humana, falanges da educação (HERMANN, 2005; BENTO, 2016), trabalhando em conjunto de maneira incessante em prol de uma genuína liberdade humana onde pode florescer imediatamente ordem ou desordem; por isso, faz-se mais que necessário estabilidade socio-cultural, ou seja, uma regularidade comportamental moral difundida na e pela comunidade. Dá-se assim a importância das capacidades volitivas edificadas sob sólidos princípios educacionais (MORIN, 2003). Afinal, “o compromisso educativo não é possível fora do compromisso com os valores” (PATRÍCIO, 1993, p.20). ▶



## Referências

- ARAÚJO, José Carlos Souza. Ética e profissão docente no século XVI. **História da Educação**, Porto Alegre, v. 6, n. 12, p. 39-64, Jul./Dez. 2002. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30568/pdf>>. Acesso em 02 Out. 2016.
- BAHIA, Maria Fernanda. A universidade: reflexão e dúvidas. In: SEQUEIROS, Jorge (ed). **Universidade, Ciência e Sociedade: desafios e fronteiras éticas**. Porto: Universidade do Porto, 2014. p.69-74.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BENTO, Jorge Olímpio. **O outro lado do desporto – vivências e reflexões pedagógicas**. Porto: Campo das Letras, 1995.
- BENTO, Jorge Olímpio. Formação de mestres e doutores: Exigências e competências. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 8, n. 1, p. 169-183. 2008. Disponível em: <[http://www.fade.up.pt/rpcd/\\_arquivo/artigos\\_soltos/vol.8\\_nr.1/2.01.pdf](http://www.fade.up.pt/rpcd/_arquivo/artigos_soltos/vol.8_nr.1/2.01.pdf)>. Aceso em 02 Out. 2016.
- BENTO, Jorge Olímpio. Do estado da universidade: metida num sarcófago ou no Leito de Procrustes?. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, Sorocaba, v. 19, n. 3, p. 689-721. 2014. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.1590/S1414-40772014000300009>>. Aceso em 02 Out. 2016.
- BENTO, Jorge Olímpio. **Abalos na torre de marfim: descaminhos e desatinos da Universidade**. Porto: FADEUP, 2016.
- BRANDÃO, Junito Souza. **Mitologia Grega** (Vol. II). Petrópolis: Vozes, 2010.
- CHAUÍ, Marilena. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: UNESP, 2001.
- CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia: as escolas helenísticas** (Vol. II). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CORREIA, Wilson Francisco. **Saber ensinar: planejando, executando e avaliando cursos de treinamento**. São Paulo: EPU, 2006.
- CORREIA, Wilson Francisco. (2013). Docência em filosofia: pensando na prática. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 27, n. 54, p. 525-538, Jul./Dez. 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/14971/12699>>. Acesso em: 08 Out. 2016.
- DADOUN, Roger. **A violência: ensaio acerca do “homo violens”**. Tradução de Pilar Ferreira de Carvalho e Carmem de Carvalho Ferreira. Rio de Janeiro: Difel, 1998.
- DÜRKHEIM, Émile. **Las formas elementales de La vida religiosa**. Buenos Aires: Editorial Schapire, 1968.
- ECO, Umberto (Dir.). **História da beleza**. Miraflores: Difel, 2004.
- FERRY, Luc. **Homo Aestheticus – a invenção do gosto na Era Democrática**. Coimbra: Almedina, 1997.
- FRANTZ, Walter; SILVA, Enio Waldir da. **As funções sociais da universidade: o papel da universidade e a questão das comunitárias**. Ijuí: UNIJUÍ, 2002.
- FREYRE, Gilberto. (1941). Adeus ao Colégio. In: FREYRE, Gilberto. **Região e tradição**. Rio de Janeiro: José Olympio. (Texto original escrito e declamado em 1917).
- GADOTTI, Moacir. (1975). **Comunicação docente: ensaio de caracterização da relação educadora**. São Paulo: Loyola.
- GARCIA, Rui Proença. Encarte do XI Congresso Ciências do Desporto e Educação Física dos países de língua portuguesa: Ética no desporto: um princípio sem fim. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 20, n. 4, p. 311-314, Out./Dez. 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16638/18351>>. Acesso em: 05 Nov. 2016.
- HERMANN, Nadja. (2005). **Ética e Estética: a relação quase esquecida** (Coleção Filosofia – 193). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- HOSSNE, William Saad. O cirurgião acadêmico. **Acta Cirúrgica Brasileira**, São Paulo, v. 18, n. 5, p. 372-384, 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-86502003000500001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-86502003000500001&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 05 Nov. 2016.
- KANT, Immanuel. (1958). **Filosofia de la Historia**. Buenos Aires: Editorial Nova, 1958.
- LOGUERCIO, Rochele de Quadros; DEL PINO, José Cláudio. Em defesa do filosofar e do historicizar conceitos científicos. **História da Educação**, Pelotas, n. 23, Set./Dez. 2007, p. 67-96. Disponível

em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/29270/pdf>>. Acesso em: 08 Out. 2016.

MALATO, Maria Luísa. (2009). A Academia de Platão e a Matriz das Academias Modernas. **Notandum**, Porto, n. 19, Jan-Abr., 2009. p. 5-16.

MARTÍNEZ, Silvia Alicia; SOUZA, Donaldo Bello de. A história da educação em perspectiva comparada no contexto luso-brasileiro: duas décadas de produção. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, v. 11, n. 2, Maio/Ago.[26] 2011, p. 155-189. Disponível em: <<http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/7/15>>. Acesso em 08 Out. 2016.

MARTINI, Rosa Maria Filippozzi; GLASORES-TER, Paulo Roberto Corrêa. Trabalho do professor: do dizer das tradições a emergência de sentidos contemporâneos. **História da Educação**, v. 13, n. 28, Maio/Ago. 2009, p. 135-157. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/29020/pdf>>. Aceso em 08 Out. 2016.

MARTINS, António Manuel. (1995). Filosofia e política em Platão. **Humanitas**, Coimbra, XLVII, 1995. p.385-396. Disponível em: <[http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas47/26\\_Antonio\\_Martins.pdf](http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas47/26_Antonio_Martins.pdf)>. Acesso em 05 Nov. 2016.

MOCARZEL, Rafael Carvalho da Silva. **Artes Marciais e Jovens: violência ou valores educacionais? Um estudo de caso de um estilo de Kung-Fu**. 2011. Dissertação (Mestrado) – Curso de Ciências da Atividade Física, Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, 2011.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000a.

MORIN, Edgar. **Complexidade e transdisciplinaridade: a reforma da universidade e do ensino fundamental**. Natal: EDUFRRN, 2000b.

MORIN, Edgar. **O método V: a humanidade da humanidade – a identidade humana**. Mem Martins: Europa-América, 2003.

NÓVOA, António. Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. **Teoria e Educação**, n. 4, 1991. p. 109-139.

OLIVEIRA, Terezinha. Origem e memória das universidades medievais: a preservação de uma instituição educacional. **Varia História**, Belo Horizonte, Jun. 2007, vol. 23, n. 37, p. 113-129.

ORTEGA Y GASSET, José. **Missão da universidade**. Seara nova, 1946.

PATRÍCIO, Manuel Ferreira. **Lições de axiologia educacional**. Lisboa: Universidade Aberta, 1993.

PAZETO, Antonio Elizio. Universidade, formação e mundo do trabalho: superando a visão corporativa. **Revista Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, [S.l.], v. 13, n. 49, p. 487-496, Oct. 2005. Disponível em: <<http://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/ensaio/article/view/612>>. Acesso em: 05 nov. 2016.

PENIN, Sonia Teresinha de Sousa. A formação de professores e a responsabilidade das universidades. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 317-332, Aug. 2001. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9809/11381>>. Acesso em: 05 nov. 2016.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas** (2. ed). Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

SAVATER, Fernando. **O Valor de Educar**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SCHURER, Edouard. **Pythagoras and the Delphic mysteries**. London: Health Research Books, 1996.

SILVA, Luiz Eduardo Potsch de Carvalho. A universidade no terceiro milênio: desafios, missão histórica e novos paradigmas numa perspectiva planetária. In SILVA, Luiz Eduardo Potsch de Carvalho et al. (Ed.). **Propostas para uma universidade no terceiro milênio**. Rio de Janeiro: Fundação Universitária José Bonifácio, 1991.

STEINER, João. Qualidade e diversidade institucional na pós-graduação brasileira. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 19, n. 54, p. 341-365, Ago. 2005. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-4014200500200019&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-4014200500200019&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 05 Nov. 2016.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/list/170>>. Acesso em: 22 Fev. 2016.

VERGER, Jacques. **Cultura, ensino e sociedade no ocidente nos séculos XII e XIII**. Bauru: EDUSC, 2001. •